

# DESVENDANDO ÒRISÀ ÈSÚ: A DEMONIZAÇÃO E A RESSIGNIFICAÇÃO NA UMBANDA

*UNVEILING ÒRISÀ ÈSÚ: DEMONIZATION AND RE-SIGNIFICATION IN UMBANDA*

*DESVELANDO ÒRISÀ ÈSÚ: LA DEMONIZACIÓN Y LA REVALUACIÓN EN LA UMBANDA*

Ricardo Ferreira dos Santos<sup>1</sup>  
José Carlos Moraes<sup>2</sup>

## Resumo

Este artigo aborda a figura de Òrisà Èsú nas tradições iorubas e seu papel no culto do Ìsèsè Lagba. Tal problemática consiste na compreensão do papel essencial de Èsú na comunicação entre os mundos físico e espiritual, garantindo o equilíbrio e dinamismo no universo. Essa questão se faz necessária devido à demonização de Èsú pelos colonizadores cristãos, que, ao interpretar as tradições iorubas a partir de suas próprias crenças, associaram erroneamente Èsú ao diabo cristão, perpetuando estereótipos negativos. O objetivo central desse estudo é analisar a importância cultural e religiosa de Èsú, além de sua ressignificação na umbanda brasileira. Para isso, foram empregados procedimentos de pesquisa bibliográfica, examinando a transformação de Èsú em Exú na umbanda, no qual ele é visto como um espírito de um falecido, incorporando elementos do espiritismo kardecista e do catolicismo. Essa análise evidenciou a capacidade de adaptação e resiliência das religiões afro-brasileiras, ressaltando a importância de uma compreensão mais profunda e respeitosa das tradições africanas e suas manifestações contemporâneas. A pesquisa demonstrou que Èsú não é apenas um Òrisà, mas um símbolo de resistência cultural, sublinhando a necessidade de reconhecer e valorizar a riqueza das tradições afro-brasileiras.

**Palavras-chave:** Òrisà Èsú; demonização; Exú; ressignificação.

## Abstract

This article examines the figure of Orisha Esu in Yoruba traditions and his role in the cult of Isese Lagba. The issue at hand is to comprehend the pivotal function of Èsú in facilitating communication between the physical and spiritual realms, thereby ensuring equilibrium and dynamism within the universe. This question is necessary due to the demonization of Èsú by Christian colonizers, who, by interpreting Yoruba traditions based on their own beliefs, erroneously associated Èsú with the Christian devil, thereby perpetuating negative stereotypes. The principal aim of this study is to examine the cultural and religious significance of Èsú, and to investigate the ways in which he has been reinterpreted within the context of Brazilian umbanda. To achieve this, a bibliographical research methodology was employed, examining the transformation of Èsú into Exú in Umbanda, in which he is regarded as a spirit of the deceased, incorporating elements of Kardecist spiritism and Catholicism. This analysis revealed the remarkable capacity for adaptation and resilience of Afro-Brazilian religions, emphasizing the vital necessity for a more profound and respectful comprehension of African traditions and their contemporary manifestations. The research demonstrated that Èsú is not merely an Òrisà, but a symbol of cultural resistance, underscoring the imperative to acknowledge and value the profound richness of Afro-Brazilian traditions.

**Keywords:** Òrisà Èsú; demonization; Exú; re-signification.

## Resumen

Este artículo desarrolla la figura de Òrisà Èsú en las tradiciones yorubas y su papel en el culto del Ìsèsè Lagba. Tal problemática consiste en la comprensión del papel esencial de Èsú en la comunicación entre los mundos físico y espiritual, asegurando el equilibrio y dinamismo en el universo. Eso se hace necesario debido a la demonización de Èsú por los colonizadores cristianos, que, al interpretar las tradiciones yorubas a partir de

<sup>1</sup> Licenciando em Ciências da Religião no Centro Universitário Internacional (UNINTER). E-mail: ricardopolato@gmail.com.

<sup>2</sup> Docente no Centro Universitário Internacional (UNINTER). E-mail: Moraes.Tesoureiro4398@hotmail.com.

sus propias creencias, asociaron erróneamente Esú con el diablo cristiano, perpetuando estereotipos negativos. El objetivo central de ese estudio es analizar la importancia cultural y religiosa de Esú, además de su revaluación en la umbanda brasileña. Para ello, se emplearon procedimientos de investigación bibliográfica, examinando el cambio de Èṣú en Exú en la umbanda, en el cual es visto como un espíritu de un difunto, incorporando elementos del espiritismo kardecista y del catolicismo. Ese análisis puso de manifiesto la capacidad de adaptación y resiliencia de las religiones afrobrasileñas, subrayando la importancia de una comprensión más profunda y respetuosa de las tradiciones africanas y sus manifestaciones contemporáneas. La investigación demostró que Èṣú no es solo un Òriṣà, sino un símbolo de resistencia cultural, subrayando la necesidad de reconocer y valorar la riqueza de las tradiciones afrobrasileñas.

**Palabras clave:** Òriṣà Èṣú; demonización; Exú; revaluación.

## 1 Introdução

A tentativa judaico-cristã de associar Òriṣà Èṣú<sup>3</sup> ao demônio e estigmatizá-lo foi um equívoco decorrente da falta de compreensão e respeito pela cultura e espiritualidade do povo ioruba. A rica cosmovisão ioruba aborda a dualidade entre Òrun<sup>4</sup> (céu) e Àiyé<sup>5</sup> (terra) de uma forma que vai além da simples dicotomia de bem e mal, céu e inferno, presentes em algumas tradições cristãs. A imagem de Èṣú, marcada pela representação fálica em alguns pontos da África e pelos rituais de oferendas com animais, foi distorcida pelos colonizadores europeus, que associaram a divindade ao deus grego Príapo e ao Diabo. Esse equívoco se deu pela cultura cristã, que traz os ensinamentos da Igreja que considera o sexo como pecado e luxúria, sendo exclusivamente intencionado à reprodução. E já na visão ioruba, o conceito de sexualidade tradicional é inexistente de dogmas e pudores.

O Òriṣà Èṣú de Terras Iorubas (Nigéria) desempenha um papel principal e mais nobre na religião ioruba, sendo o único Òriṣà<sup>6</sup> responsável por transportar os ébós<sup>7</sup> oferecidos aos demais Òriṣàs, estabelecendo a ligação entre a terra (Àiyé) e o céu (Òrun). Uma máxima, muito comum em terreiros, revela a grande importância de Èṣú, que consiste em: sem Èṣú não é possível fazer nada; Èṣú é sempre o primeiro. Em outras palavras, para o povo ioruba, Èṣú é o princípio de tudo, da própria criação, é considerado o guardião dos terreiros, das casas e o grande mensageiro dos Òriṣàs. Sua influência transcende os limites dos rituais individuais, sendo fundamental para o sucesso e a eficácia de qualquer celebração ou ritual na tradição ioruba.

A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica para fundamentar o artigo, com seleção de fontes primárias e secundárias, o que proporcionou uma base sólida para a

---

<sup>3</sup> Òriṣà Èṣú: Adotaremos essa forma de escrita ioruba quando formos nos referir a Orixá Exú, em português.

<sup>4</sup> Òrun: É a tradução do céu; onde habitam as entidades, sobrenatural.

<sup>5</sup> Àiyé: É a representação do plano terreno onde vivemos.

<sup>6</sup> Òriṣà: Divindade do culto ioruba.

<sup>7</sup> Ébó: oferenda feita para um Òriṣà.

construção do presente artigo, permitindo uma exploração aprofundada e crítica do tema proposto.

A análise crítica das fontes consistiu na avaliação da credibilidade, relevância e abordagem metodológica de cada obra consultada. A religião ioruba é de tempos imemoráveis, tendo o culto aos Òrìṣàs ligados à tradição familiar, aos seus textos e ensinamentos transmitidos por meio da oralidade (Santos, 2012), sem a existência de um livro sagrado. Os mais velhos ainda ressaltam sobre a importância da vivência dessa oralidade manifestada na sociedade, nos encontros e rituais, sendo mais bem sentida e absorvida presencialmente (Pinheiro, 2017). Cada família ioruba possui sua particularidade de culto, não há uma uniformidade de ritual e um consenso numérico sobre os Òrìṣàs (Nogueira, 2022), mas todas reconhecem Èṣù como unanimidade. As diferentes perspectivas apresentadas em relação a Èṣù, desde as tradições iorubas até a demonização em contextos sincretizados, foram consideradas de maneira a proporcionar uma compreensão abrangente do tema.

Após a coleta e a análise das fontes, as informações foram organizadas e sistematizadas de acordo com os principais temas e questões relacionadas a Èṣù. Essa abordagem permitiu uma estruturação lógica do material, facilitando a construção de argumentos coesos ao longo do artigo. A etapa final envolveu a discussão e a interpretação dos resultados obtidos por meio da análise das fontes. As diferentes perspectivas foram confrontadas, contrastadas e integradas, permitindo uma contribuição significativa para a compreensão do papel e das representações de Èṣù no culto Ìṣèṣe Lagba<sup>8</sup>.

Nesse artigo, serão apresentados relatos que rompem com a visão judaico-cristã atribuídas ao Òrìṣà Èṣù de Terras Iorubas (Nigéria) ao papel de demônio. A demonização de Èṣù foi uma deturpação oriunda de visões coloniais que não reconheceram a profundidade e a riqueza das crenças e práticas espirituais dessas culturas ancestrais. Portanto, é crucial contextualizar e compreender a complexidade da cosmovisão ioruba para evitar a imposição de interpretações externas e equivocadas.

Ao contrário da visão cristã, a religião ioruba não inclui a ideia de um purgatório ou inferno similar ao do catolicismo. Essa ausência de um reino de punição ou purificação pós-morte na cosmovisão ioruba é crucial para desmontar a noção equivocada de que Èṣù ou outras divindades desse panteão possam ser equiparadas a forças negativas, punitivas ou diabólicas, como alguns colonizadores europeus erroneamente alegaram.

---

<sup>8</sup> Ìṣèṣe Lagba: Em iorubá, a palavra que significa tradição antiga, englobando a Religião Tradicional Iorubá e todos os aspectos culturais. Essa expressão pode também ser traduzida como Religião de Òrìṣà, que se originou na Terra. Dentro dessa religião, há diversos tipos de cultos, onde cada Òrìṣà possui seu próprio culto individual com sacerdotes específicos. Um exemplo é o culto do Òrìṣà Èṣù, que tem seus próprios rituais e sacerdotes.

## 2 Metodologia

A abordagem metodológica adotada nesse projeto se baseia na pesquisa bibliográfica como um método essencial para fundamentar o escopo do artigo. O ponto de partida dessa investigação bibliográfica consistiu na identificação do tema central: a figura de Èṣú no contexto do culto Ìṣẹ̀ṣẹ̀ Lagba, inserido na rica e multifacetada Religião Tradicional ioruba. A escolha desse tema foi guiada pela sua proeminência cultural e religiosa dentro da tradição ioruba, assim como pela necessidade premente de compreender as diversas interpretações e representações associadas a esse òrìṣà, considerado um dos mais enigmáticos e controversos dentro do panteão ioruba.

A seleção das fontes primárias e secundárias desempenhou um papel crucial na garantia da amplitude e profundidade da pesquisa. O trabalho envolveu identificação e análise de textos fundamentais, tais como “Os Nàgô e a morte: Pàde, Àsèsè e o culto Ègun na Bahia”, de autoria de Juana Elbein dos Santos e “Ifá—O Orixá do Destino: O jogo de ôpón e do Opêlê Ifá”, escrito por Ivan Horácio Costa, reconhecidos como obras primordiais que lançam luz às práticas e crenças relacionadas ao culto de Èṣú. Além disso, uma investigação abarcou a exploração de artigos acadêmicos, como “Exu, de mensageiro a diabo. Sincretismo católico e demonização do orixá Exu”, de autoria de Reginaldo Prandi, “Tradição oral e memória dos povos de religiões afro-brasileiras: possibilidades de pesquisa em história”, de autoria de Lisandra Barbosa Macedo Pinheiro, e teses de doutorado, como “Da África para o Brasil, de Orixá a Egum<sup>9</sup>: as ressignificações de Exu no discurso umbandista” de Léo Carrer Nogueira e “As ressignificações de Exu dentro da umbanda” de Lenny Francis Campos de Alvarenga, que oferecem análises aprofundadas das transformações e significados atribuídos a Èṣú em diferentes contextos socioculturais.

A análise crítica das fontes envolveu não apenas a avaliação da credibilidade, relevância e abordagem metodológica de cada obra consultada, mas também a contextualização das diferentes perspectivas apresentadas em relação a Èṣú. Desde as tradições iorubas mais ancestrais até sua demonização em contextos sincretizados com o catolicismo, cada interpretação foi examinada, visando a compartilhar uma compreensão mais abrangente do papel complexo desempenhado por Èṣú dentro do universo religioso ioruba.

Posteriormente, após a coleta e análise das fontes, as informações foram organizadas e sistematizadas de forma a permitir uma abordagem estruturada dos principais temas e questões relacionadas a Èṣú. Essa estruturação lógica do material facilitou a construção da argumentação

---

<sup>9</sup> Egum: Espírito de pessoa falecida.

ao longo do artigo e possibilitou uma imersão mais profunda na riqueza simbólica e cultural associada a essa divindade tão enigmática.

A etapa final do processo envolveu a interpretação dos resultados obtidos por meio da análise das fontes. As diferentes perspectivas foram confrontadas, contrastadas e integradas, visando oferecer uma contribuição significativa para a compreensão do papel multifacetado e das representações variadas de Èṣú no culto Ìṣèṣe Lagba. A pesquisa bibliográfica proporcionou a seleção do referencial teórico do presente trabalho, permitindo uma exploração profunda do tema proposto, oferecendo clareza acerca da religião ioruba e de suas ramificações culturais e sociais.

### 3 Òriṣà Èṣú em terras iorubas e sua função dentro do culto do Ìṣèṣe lagba

No contexto das tradições religiosas das terras Iorubas na Nigéria, o Òriṣà Èṣú é uma figura central e inseparável de todos os outros Òriṣà. Por meio das lendas transmitidas pela tradição oral, sabe-se que Èṣú foi criado diretamente por Olódùmarè<sup>10</sup> (Ser Supremo), por meio da lama, moldado pela mesma matéria prima que Òrixânlá<sup>11</sup> moldava os seres humanos, segundo lendas ioruba, sendo assim o terceiro ser criado. Essa relação de Èṣú sobre sua criação como o terceiro está no início também da criação do mundo, colocando-o como o princípio dinâmico inevitavelmente sobre tudo o que virá a existir dando início à criação. Porém, houve um descontrole nesse processo, pois Èṣú devorou tudo o que havia sido feito por Olódùmarè e depois foi obrigado a regurgitar de forma ainda mais bela e melhor. Segundo Costa:

Como os mitos da criação Yorubá, demonstram que Imolê Exú foi criado logo após Òrixânlá e Odúduwá por Olôrun, ele é, portanto, o Igbá Ketá: literalmente a Terceira Cabaça ou o Terceiro Criado, sendo símbolo da existência diferenciada e, em consequência, o elemento dinâmico que leva à propulsão, à mobilização, à transformação e ao crescimento. Nesta variante múltipla, ele é o princípio dinâmico que participa forçosamente de tudo que virá a existir.

(...) Imolê Exú logo descontrolou-se e começou a devorar toda a existência, sendo obrigado por Òrunmilá, após uma longa perseguição, a vomitar tudo de volta: entretanto, melhor, em maior quantidade e mais perfeito do que quando ingerira (Costa, 1995, p. 57).

Sua participação é indispensável em qualquer cerimônia dedicada a outros Òriṣà, tornando-se sempre necessária sua presença nos rituais, uma vez que Èṣú desempenha um papel fundamental na movimentação das oferendas, na comunicação e não só mantendo o equilíbrio

---

<sup>10</sup> Olódùmarè: É a suprema divindade e criador do universo na religião ioruba. Embora não seja adorado diretamente com a mesma frequência que os Òriṣàs, Olódùmarè é central na prática religiosa iorubá, governando todos os outros Òriṣàs.

<sup>11</sup> Òrixânlá: Também conhecido como Obàtálá ou Oxalá, é uma divindade importante na religião iorubá, associada à criação da humanidade e à pureza.

entre os mundos físico (Àiyé) e espiritual (Òrun), mas como tudo que existe no universo. Como destaca Prandi:

Exu é o portador das orientações e ordens, é o porta-voz dos deuses e entre os deuses. Exu faz a ponte entre este mundo e mundo dos orixás, especialmente nas consultas oraculares. Como os orixás interferem em tudo o que ocorre neste mundo, incluindo o cotidiano dos viventes e os fenômenos da própria natureza, nada acontece sem o trabalho de intermediário do mensageiro e transportador Exu (Prandi, 2001, p. 50).

Portanto, Èṣú não é apenas um Òrìṣà entre muitos, mas sim o agente catalisador de todas as transformações e movimentos no universo. Sua atuação incessante é o que permite a manutenção da ordem e a continuidade da vida, reafirmando sua posição única e insubstituível no sistema cosmológico iorubano. Segundo Santos, Èṣú participa de tudo, é “princípio dinâmico e de expansão de tudo o que existe, sem ele todos os elementos do sistema e seu devir ficariam imobilizados, a vida, não se desenvolveria” (2012, p. 131).

Èṣú será sempre invocado e cultuado em conjunto com qualquer outro Òrìṣà, atuando como um elemento indestrutível e intrinsecamente conectado a esses. Sabe-se que Èṣú deve ser invocado e oferendado antes mesmo do Òrìṣà principal da cerimônia. Segundo Prandi (2001), sua presença está consignada até mesmo no primeiro ato da Criação: sem Exú, nada é possível. O poder de Exú, portanto, é incomensurável.

Esse protocolo de ritual não só sublinha a importância de Èṣú, mas também reflete a crença de que ele é o guardião das encruzilhadas e dos caminhos, tanto físicos quanto espirituais. Como guardião das encruzilhadas, Èṣú é o senhor dos caminhos e das escolhas. Ele é quem abre e fecha os caminhos, influenciando destinos e decisões, já que sua permissão é necessária para que as coisas fluam corretamente. Santos fala sobre os lugares favoritos de adoração de Èṣú, “assim seus lugares de adoração e suas representações se encontram nos caminhos que levam às cidades, às aldeias e aos ‘compounds’. Mas seu lugar favorito é a encruzilhada de três caminhos, *orita*, donde os caminhos se encontram e repetem” (2012, p. 169).

Outra função característica de Èṣú está intrinsecamente ligada ao jogo oracular divinatório. Devido à sua natureza como o grande mensageiro dos Òrìṣà, Èṣú possui um conhecimento vasto e profundo sobre todos os assuntos. Sua habilidade de transitar entre o mundo dos humanos e o mundo espiritual o torna um intermediário essencial, permitindo a comunicação e a interpretação das mensagens divinas. Ele detém a sabedoria necessária para guiar e esclarecer, sendo fundamental para a prática oracular, em que sua presença assegura que as consultas sejam precisas e reveladoras. Assim, Èṣú facilita o acesso às respostas e orientações

dos Òrìṣàs e ainda garante que essas informações sejam transmitidas com clareza e fidelidade. Como afirma Alvarenga “no jogo oracular dos búzios, é Exu quem leva as perguntas e quem traz as respostas, podendo ser ele mesmo quem responde” (2006, p. 45).

Nogueira (2022) também vai seguir por essa linha de raciocínio, afirmando que:

O sistema oracular iorubano, funciona como uma espécie de correio entre os humanos e os orixás. Ou seja, quando um ioruba tem alguma dúvida ou se encontra em um momento de dificuldade, ele procura um sacerdote de ifá, ou um Bábáláwo, como são conhecidos os sacerdotes dessa divindade, e através dele consulta os orixás e tirar suas dúvidas. Mas vários pesquisadores atestam que, para o funcionamento do sistema oracular, uma das peças fundamentais é Exu. É ele quem auxilia Ifá na transmissão da mensagem dos orixás aos homens (Nogueira, 2022, p. 33).

Ressalta-se que em um ebó de Ifá, por exemplo, a invocação de Èṣú é feita primeiramente para que garanta tanto a ordem espiritual (impedindo interferência de eguns negativados), a testemunhar o cumprimento e a veracidade do trabalho feito, bem como a entrega da oferenda ao Òrìṣà correspondente. Por isso, a invocação de Èṣú no início de qualquer cerimônia simboliza o reconhecimento de sua autoridade e a imprescindível necessidade de sua permissão para que os ritos sejam conduzidos com êxito. Èṣú é a força que dinamiza e harmoniza o universo e é essencial na perpetuação das tradições e na realização eficaz dos rituais sagrados. Sua presença garante que as cerimônias transcorram de maneira ordenada, assegurando a conexão adequada entre o mundo dos humanos e o mundo espiritual. Dessa forma, Èṣú facilita a comunicação com os Òrìṣà e preserva a integridade e a eficácia das práticas religiosas, solidificando seu papel como um pilar fundamental no panteão ioruba, quanto no culto Ìṣèṣe Lagba (Religião Tradicional ioruba).

#### **4 A demonização do Òrìṣà Èṣú pelos colonizadores cristãos em terras iorubas e no Brasil**

Os colonizadores europeus e seus missionários cristãos, ao percorrerem as terras iorubas, se depararam com imagens de falos expostos em várias representações culturais e religiosas. Para os iorubas, os falos não eram meramente símbolos de fertilidade ou sexualidade, mas representavam a vitalidade, a força criativa e a energia vital que permeia toda a existência. A procriação não é um ato ofensivo para o Òrìṣà, mas causou estranhamento aos europeus, o que os levou a associar essas representações à identidade do deus fálico grego Príapo, conhecido na mitologia grega como o deus da fertilidade, da sexualidade masculina. Para Prandi (2001), os europeus atribuíram a Èṣú causas para a sua demonização:

A primeira por causa dos altares, representações materiais e símbolos fálicos do orixá; a segunda em razão de suas atribuições específicas no panteão dos orixás e suas qualificações morais narradas pela mitologia, que o mostra como um orixá que contraria as regras mais gerais de conduta aceitas socialmente, conquanto não sejam conhecidos mitos de Exu que o identifiquem com o diabo (Prandi, 2001, p. 38).

**Figura 1:** Assentamentos de Èṣú, com destaque para a presença dos falos



**Fonte:** Elaborado pelo autor (2024).

Essa associação superficial e errônea ignorou o contexto simbólico e espiritual profundo que essas representações tinham dentro da cultura ioruba. A interpretação europeia, enraizada em seus próprios paradigmas culturais e religiosos, ocasionou na visão distorcida e negativa dessas práticas e símbolos. Segundo Prandi, trata-se de uma “relação íntima com a reprodução e a sexualidade, tão explicitadas pelos símbolos fálicos que o representam, que decorre a construção mítica do gênio libidinoso, lascivo, carnal e desregrado de Exu” (2001, p. 50-51).

O sacrifício animal é o mais importante, precisamente, na oferenda dentro do culto ioruba, pois o sangue representa a vida que transita e tem o poder de manter vivo o corpo, é, portanto, o asè, o que dá força e movimento ao pedido feito e bem aceito pelo Òrìṣà. Ademais, o respeito ao animal vai além da importância de tornar o rito possível, pois sua carne é aproveitada para o alimento de todos os participantes do terreiro, estendendo aos familiares.

**Figura 2:** Sacrifício animal à Èsú



**Fonte:** Elaborado pelo autor (2024).

Além disso, esses sacrifícios animais contribuíram para a demonização das divindades iorubas, pois os missionários cristãos, influenciados por sua própria moralidade e suas doutrinas religiosas, viam esses atos como indecentes e pagãos. Não é como se o culto religioso compreendesse que os animais sejam inferiores e, por isso, não haveria problemas em sacrificá-los; o que ocorre é que a cultura centrada no eurocentrismo e no cristianismo leva a desconsiderar ou invalidar as tradições de outros povos.

O comportamento de inferiorizar aos iorubas dos europeus, tanto no aspecto cultural quanto no que diz respeito à evolução humana era parte de uma estratégia maior de dominação e controle, por isso, era natural que eles descredibilizassem as crenças e os conhecimentos dos povos iorubas. A cultura ioruba, rica em história, arte, espiritualidade e organização social, era frequentemente retratada de maneira pejorativa pelos colonizadores, que a consideravam primitiva e menos desenvolvida em comparação com os padrões europeus.

Os missionários que passaram pela região da Iorubalândia parecem ter encontrado nesse orixá a correspondência perfeita com o símbolo do Mal conforme o concebia sua própria religião. Pelas características controversas de Exu, a analogia com o Diabo cristão devia ser a única forma de interpretar o culto a essa divindade (Nogueira, 2022, p. 33).

Os primeiros missionários europeus, ao observar as práticas e símbolos religiosos iorubas, interpretaram de forma equivocada as representações de Èṣú, associando-o ao mal por meio de uma visão dualista que lhes era familiar. No cristianismo, há uma dicotomia clara entre bem e mal, personificados por Deus e o Diabo. Em contraste, na cosmovisão ioruba, o bem e o mal não são entidades opostas, mas sim forças complementares que juntas mantêm o equilíbrio do universo.

Os missionários iniciaram suas pregações deslegitimando a figura do Òrìṣà Èṣú e disseminando a ideia de que todas as desgraças que acometiam os iorubas eram causadas, indiscriminadamente, por Èṣú. A partir disso, “ele começa a ser representado e apresentado como um Ser tenebroso e mau” (Costa, 1995, p. 61), sincerizando-o com o diabo da tradição cristã.

Ao associar Èṣú ao diabo cristão, os missionários não apenas demonizaram uma divindade essencial para a cultura ioruba, mas ainda impuseram uma visão dualista, de bem e mal, e que era estranha à cosmologia africana. Tal distorção da figura de Èṣú servia para justificar a dominação cultural e espiritual imposta pelos colonizadores, que compreendiam que a religião e a cultura europeias como superiores e civilizadoras.

Esse sincretismo marcou o início de uma das crenças mais duradouras no imaginário brasileiro, que persistiu ao longo dos séculos, moldada pela necessidade dos escravos trazidos da África de reinventarem sua religiosidade em um novo contexto. Ao chegarem ao Brasil, esses escravos tiveram que adaptar suas práticas religiosas para sobreviver à opressão e às restrições impostas pelos colonizadores. Essa transformação foi uma estratégia de resistência e preservação cultural, em que os elementos das religiões africanas foram mesclados com símbolos e práticas do catolicismo, permitindo que a espiritualidade africana sobrevivesse. Essa adaptação e resistência criaram uma forma de religiosidade afro-brasileira, entre as mais conhecidas, está a umbanda, candomblé e quimbanda, que continuam a influenciar profundamente a cultura e a espiritualidade no Brasil contemporâneo, evidenciando a resiliência e a criatividade dos povos africanos e seus descendentes.

Uma questão interessante que merece análise é a criação dos candomblés no contexto brasileiro, os quais surgiram como uma forma de resgate cultural e religioso entre os escravizados de origem africana. O candomblé, religião afro-brasileira, consolidou-se no Brasil a partir das tradições e crenças trazidas pelos escravizados, servindo como um poderoso mecanismo de preservação cultural e identidade étnica. No entanto, mesmo com esse papel significativo, a prática do candomblé enfrentou, e ainda enfrenta, diversas formas de

preconceito e discriminação, por isso, verifica-se o preconceito reservado à figura de Èṣú no Brasil também.

Essa associação negativa levou muitos Bábàlòrìṣàs<sup>12</sup>, sacerdotes responsáveis pelo culto, a evitar a iniciação de novos adeptos em Èṣú. Essa prática discriminatória pode ser entendida como resultado de um sincretismo religioso forçado e da pressão cultural exercida pelo cristianismo dominante, que demonizou elementos centrais das religiões de matriz africana. O medo da identificação de Èṣú com o diabo cristão e a consequente marginalização social e religiosa dos praticantes do candomblé refletem as tensões e os desafios enfrentados por essa religião na busca por reconhecimento e respeito em um ambiente historicamente hostil. Nogueira, cita o preconceito brasileiro dentro do candomblé, no qual os pais de santos mais antigos não iniciavam seus filhos em Èṣú, assim, “Em certos casos, diziam que, se tal ocorresse, o iniciado poderia ser levado à loucura, tendo em vista a forte carga energética negativa contida nesse orixá” (2022, p. 69).

Outro fato da demonização nas religiões afro-brasileiras se dá pela utilização do tridente de Èṣú, comum nos assentamentos do candomblé como na paramenta, conforme os Exús<sup>13</sup> se apresentam na umbanda, é um exemplo claro de sincretismo religioso, e não de uma prática original das tradições iorubas, devido à relação que os cristãos fazem ao tridente como um símbolo associado ao diabo. Para Alvarenga, trata-se de “outro símbolo de Exu no Brasil que pode ter influenciado esta identificação é o tridente; típico instrumento iconográfico presente nas representações do diabo cristão na idade média” (2006, p. 96).

O tridente, amplamente reconhecido como um símbolo associado ao diabo na iconografia cristã, foi incorporado às práticas afro-brasileiras durante o processo de formação e adaptação dessas religiões no Brasil. Na umbanda, uma religião sincrética que combina elementos do candomblé, do espiritismo kardecista, do catolicismo e de outras tradições, os Exús são frequentemente vistos como entidades espirituais que atuam como guardiões.

A utilização do tridente de Exú representa tanto uma adaptação cultural significativa quanto um desafio contínuo para a desmistificação e valorização das religiões de matriz africana no Brasil. A compreensão aprofundada desse processo de sincretismo é essencial para a revalorização e preservação das identidades religiosas afro-brasileiras, destacando a necessidade de um olhar crítico e historicamente informado sobre as práticas religiosas sincréticas.

---

<sup>12</sup> Bábàlòrìṣà: sacerdote do culto de Òrìṣà

<sup>13</sup> Exú escrito com x será usado para tratar somente da forma de entidade da umbanda.

## 5 Ressignificação de Exú como entidade dentro da religião de umbanda no Brasil

Na umbanda, Èṣú perde sua função original de Òrìṣà e se transforma em Exú, uma entidade que é vista como um egum, ou seja, como o espírito de uma pessoa falecida. Esse processo reflete uma adaptação do conceito de Èṣú dentro do sincretismo religioso característico da umbanda. Além disso, surgiu uma distinção influenciada pelo catolicismo, que passou a diferenciar entre um Exú “pagão”, considerado maligno, e um Exú “batizado” ou “de lei”, percebido como uma representação do bem (Prandi, 2001). Essa dualidade reflete a complexa integração entre as tradições africanas e os valores cristãos, gerando uma nova interpretação das entidades espirituais no contexto da umbanda.

Assim, essa entidade, que representa os espíritos dos mortos que descem aos terreiros para realizar atos de caridade, por fim, passou a ser quiumba, um espírito maligno que pode ser invocado para realizar ações maléficas. Exú era classificado como baixo-espiritismo como nos conta Alvarenga (2006):

Os cultos de origem africana que aqui existiam, já bastante influenciados pelo catolicismo, somava-se a influência do espiritismo de origem francesa, recém-chegado ao país. Os inúmeros modelos de religiões originários desses contatos eram classificados pela sociedade da época por expressões pejorativas, como macumbas ou baixo-espiritismo (Alvarenga, 2006, p. 104).

A premissa de que Èṣú, originalmente um òrìṣà, tenha se transformado em Exú, um egum, acarreta uma reconfiguração de sua importância e função dentro do sistema religioso ioruba. Essa transição implica na morte simbólica da divindade para dar lugar ao surgimento de Exú como o espírito de alguém que já viveu na terra. Tal mudança de *status* altera a percepção ioruba de Èṣú, enquanto òrìṣà, que passa a se tornar uma entidade na umbanda alterando também sua escrita que passa a ser com “x”, Exú, modificando profundamente as práticas e crenças associadas a ele dentro da cultura ioruba.

Uma mudança notável nesse processo de ressignificação de Exú é a forma de comunicação com ele. Em terras iorubas, assim como nos candomblés, o diálogo com Èṣú, ou qualquer outro òrìṣà, ocorre exclusivamente por meio de oráculos, tais como Opelê-Ifá, búzios, obi, entre outros. Há uma premissa fundamental no culto aos òrìṣà que afirma que nenhum òrìṣà possui a capacidade de se comunicar verbalmente de forma direta. Em vez disso, a comunicação dos òrìṣàs com os adeptos ocorre exclusivamente por meio da decodificação dos oráculos. Já na umbanda, a interação com Exú se dá pela incorporação<sup>14</sup> da entidade, manifestando-se por

---

<sup>14</sup> Incorporação: Capacidade que um médium tem de permitir que entidades controlem o seu corpo.

meio da mediunidade do adepto que possua tal capacidade. Essa transformação metodológica reflete diferenças fundamentais nas práticas rituais e nas concepções de mediação espiritual entre as tradições religiosas africanas e as brasileiras.

O tridente, amplamente reconhecido como uma ferramenta de trabalho usual de Exú na umbanda, é frequentemente observado em seus pontos riscados e desempenha um papel simbólico significativo na prática religiosa. Como já mencionado, historicamente, o tridente foi influenciado pelo imaginário cristão, que associou essa ferramenta à figura do demônio. No entanto, a visão contemporânea de Exú, na umbanda, é muito mais complexa e positiva. Exú é entendido como uma entidade tripolar, possuindo aspectos neutros, positivos e negativos. Esta triplicidade é representada justamente pelo tridente, com cada uma das três pontas simbolizando essas diferentes facetas.

Exu é uma entidade tripolar, o que justifica o uso do tridente, onde cada uma das pontas representaria uma polaridade; o que faz de Exu essencial em qualquer trabalho por sua capacidade de transformar as energias do ambiente, atuando sempre sob a égide dos mestres espirituais da umbanda a quem devem prestar contas (Alvarenga, 2006, p. 57).

**Figura 3:** Tridente



**Fonte:** Elaborado pelo autor (2024).

Para a maioria dos praticantes de umbanda, os Exús são considerados espíritos de indivíduos que, em vida, tiveram comportamentos desregrados, frequentemente envolvidos em atividades ilícitas e ações que contrariam a moral cristã estabelecida. Esses espíritos são geralmente vistos como antigos ladrões, assassinos, prostitutas e outras pessoas que viveram à margem das normas legais e, principalmente, das leis religiosas.

Após a morte, esses espíritos assumem a condição de Exú com o propósito de expiar seus pecados e buscar sua evolução espiritual.

Após a desencarnação, esses espíritos se transformam em Exús e são condenados pelos espíritos superiores a voltar à Terra através da incorporação nos terreiros, onde deverão trabalhar. De acordo com a lei do carma, o trabalho junto aos humanos faz parte do processo de evolução desses espíritos (Nogueira, 2022, p. 185).

A transformação em Exú é vista como um caminho de redenção, em que o espírito tem oportunidade de corrigir suas falhas passadas, aprender lições importantes e progredir em sua jornada espiritual. Essa perspectiva ressalta a função de Exú como uma entidade em processo de purificação e crescimento dentro do contexto espiritual da umbanda.

No processo de formação das religiões de matriz africana no Brasil, a tradição oral teve um papel fundamental para construção coletiva do saber e fazer, para reafirmação da cultura e para perpetuação da memória ancestral das práticas dessas religiões (Pinheiro, 2017). Nesse sentido, os ensinamentos orais sobre Exús indicam que, na umbanda, Exú não é necessariamente um espírito de um antigo bandido que deve evoluir para se tornar outra entidade, como um Caboclo<sup>15</sup> ou Preto Velho<sup>16</sup>. Embora essa evolução possa ocorrer, é importante reconhecer que alguns espíritos que se tornam Exús escolhem permanecer como Exús infinitamente. Muitos desses espíritos possuem conhecimentos profundos e níveis de evolução espiritual que podem ser superiores aos dos Caboclos, por exemplo.

Pela oralidade, nos terreiros, é afirmado que Exú incorpora a essência do Òriṣà Èṣú e de outro Òriṣà ao qual está ligado, atuando como um "funcionário" desse Òriṣà. Por exemplo, Exú Caveira, que incorpora a essência do Òriṣà Omolú, trabalha na cura de enfermidades, na promoção da saúde e na transição do mundo físico para o espiritual. Mesmo ressignificado, Exú ainda traz uma ligação com o Èṣú na visão e na experiência ancestral dos terreiros de umbanda.

Atualmente, os adeptos da umbanda possuem um entendimento renovado sobre os Exús, distinguindo-se significativamente das concepções iniciais. A presente perspectiva rejeita a ideia de que os Exús possam praticar o mal, isso é, atender a solicitações que visem a prejudicar pessoas. Nogueira (2022, p. 178) destaca o papel protetor de Exú e suas funções como guardião dos terreiros, eliminando qualquer possibilidade de que ele satisfaça pedidos com intenções malévolas. Na concepção do autor, “Exu é concebido somente como um policial a serviço dos guias de luz, um guardião que combate os espíritos trevosos e que, portanto, visa apenas o bem” (Nogueira, 2022, p. 178).

---

<sup>15</sup> Caboclo: Na umbanda são espíritos que representam a ancestralidade indígena do Brasil.

<sup>16</sup> Preto Velho: Na umbanda são espíritos que representam espíritos de idosos africanos que viveram nas senzalas.

## 6 Considerações finais

]Nesse artigo, explora-se a figura de Òriṣà Èṣú nas tradições iorubas e seu papel central no culto do Ìṣẹ̀ṣe Lagba. Identifica-se a função de Èṣú como indispensável em rituais, destacando seu papel na comunicação entre os mundos físico e espiritual. É Èṣú quem mantém o equilíbrio e dinamiza o universo, reafirmando sua importância insubstituível na cosmologia ioruba. Além disso, examinou-se a demonização de Èṣú pelos colonizadores cristãos, que, ao interpretar símbolos e práticas culturais iorubas por meio de suas próprias crenças, associaram erroneamente Èṣú ao diabo cristão. Esse sincretismo forçado perpetuou estereótipos negativos sobre as tradições africanas, impactando tanto as percepções culturais quanto à prática religiosa afro-brasileira.

No contexto brasileiro, a ressignificação de Èṣú na umbanda reflete um processo de adaptação e sobrevivência cultural. Na umbanda, Èṣú foi transformado em Exú, uma entidade que atua como espírito de um falecido, incorporando elementos do espiritismo kardecista e do catolicismo. Essa transformação destaca a capacidade das religiões afro-brasileiras de se adaptarem e persistirem, apesar das pressões externas. Essa análise sublinha a importância de Èṣú como um Òriṣà e como um símbolo de resistência e resiliência cultural, evidenciando a necessidade de uma compreensão mais profunda e respeitosa das tradições africanas e suas manifestações contemporâneas no Brasil.

## Referências

- ALVARENGA, L. F. C. **As ressignificações de Exu dentro da umbanda**, 2006. 96 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) — Departamento de Filosofia e Teologia, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2007. Disponível em: <https://tede2.pucgoias.edu.br/handle/tede/939>. Acesso em: 28 maio 2024.
- COSTA, I. H. **Ifá—O Orixá do Destino: O jogo de ôpón e do Opêlê Ifá**. São Paulo: Icone, 1995.
- NOGUEIRA, L. C. **Da África para o Brasil, de Orixá a Egum: as ressignificações de Exu no discurso umbandista**. Goiânia: Universidade Federal de Goiás (UFG), 2022.
- PINHEIRO, L. B. M. Tradição oral e memória dos povos de religiões afro-brasileiras: possibilidades de pesquisa em história. **Cadernos do Tempo Presente**, v. 8, n. 4, p. 79-92, 2017. DOI: <https://doi.org/10.33662/ctp.v8i04.9892>. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/tempo/article/view/9892>. Acesso em: 28 maio 2024.
- PRANDI, R. Exu, de mensageiro a diabo. Sincretismo católico e demonização do orixá Exu. **Revista Usp**, n. 50, p. 46-63, 2001. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/35275/37995>. Acesso em: 28 maio 2024.

SANTOS, J. E. **Os Nàgô e a morte:** Pàde, Àsèsè e o culto Ègun na Bahia. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2012.